



O CAMARADA PRESIDENTE EM CABO DELGADO

TAREFAS DAS BASES DE APOIO

Durante os passados meses de Outubro e Novembro, analisando a situação na Província de Cabo Delgado, o Presidente da FRELIMO, Camarada Samora Moisés Machel, definiu, no decurso de reuniões com responsáveis e quadros de todos os sectores de actividade, Destacamento Feminino, combatentes e população, as tarefas que incumbem a esta Província no contexto geral da nossa luta.

Nas zonas libertadas as tarefas que recaem sobre as populações, a necessidade de melhorar cada vez mais as suas condições de vida, a intensificação do terrorismo e da subversão inimiga tendo como alvo a população civil, requerem um aprofundamento político e organizacional do nosso trabalho no seio das massas populares.

Damos a seguir alguns extractos das conclusões e directivas formuladas pelo Camarada Presidente nas reuniões com o povo.

“A cada Província, a cada região corresponde uma tarefa principal que se integra na situação geral e na estratégia da nossa luta a fim de realizar o nosso objectivo: libertar a terra e os homens.

Na Província de Cabo Delgado, largas regiões já estão libertadas e sob o nosso controle. A missão estratégica que incumbe a esta Província é a de constituir uma base segura de apoio para a extensão da nossa luta e para a construção e desenvolvimento de uma nova sociedade que beneficie as massas populares. Isto significa que nós devemos:

- alargar e reforçar as zonas do avanço a fim de atacar o inimigo em novas regiões, forçando-o a dispersar as suas forças, libertando ao mesmo tempo novas populações.

- continuar a aniquilar e desalojar o inimigo daqueles postos que ainda sub-

sistem como ilhas isoladas no mar das nossas zonas libertadas, reduzindo ainda mais a sua capacidade operacional.

— consolidar, nas zonas já subtraídas ao controle do inimigo, o trabalho de construção de uma sociedade nova que possa beneficiar as massas, o que significa a necessidade de uma orientação política cada vez mais clara e precisa e a elevação do nível organizacional no domínio da produção e comércio, educação e saúde, assim como na resolução dos problemas sociais.

No seu conjunto todas estas tarefas implicam o reforço da ofensiva ideológica e organizacional, a dinamização e democratização das estruturas e dos métodos de trabalho, pondo em prática as orientações gerais e as palavras de ordem definidas pelo nosso Comité Central em Dezembro de 1972.

Elas constituem ao mesmo tempo a melhor resposta contra a acção do inimigo na fase presente.

Qual é efectivamente a estratégia actual do inimigo em relação às zonas libertadas?

Se analisarmos a experiência desta Província (assim como a de outras Províncias) e a relacionarmos com os elementos de que dispomos sobre a orientação geral do inimigo, constatamos que, embora diminuindo as suas operações terrestres de grande envergadura devido às baixas sofridas, o inimigo acentua as suas acções contra a população civil utilizando dois métodos principais:

— o terrorismo, nomeadamente através do emprego de tropas heltransportadas e de bombardeamentos;

— a subversão.

É sobre este segundo aspecto que nós devemos incidir a nossa atenção, dada a intensificação considerável da acção inimiga neste domínio.

Em 1970, comentando o fracasso da grande ofensiva "Nó Górdio" lançada por Kaulza de Arriaga, o então Ministro da Defesa colonial — fascista, General Sá Viana Rebelo, declarava que o único método para destruir a FRELIMO era a subversão. A partir daí o inimigo tem consagrado grandes esforços à acção subversiva, multiplicando o envio de agentes de vários tipos para a nossa zona, além daqueles tradicionalmente enviados para cometer crimes, espiar e sabotar.

Alguns destes agentes são do tipo dos "Chitonyola": agentes enviados para as zonas libertadas, vestindo farda e equipamento idênticos aos nossos e que se apresentam como militantes da FRELIMO.

A sua tarefa consiste em cometer crimes contra as populações, crimes que ficam assim imputados à FRELIMO. O seu objectivo é bem claro: semear a confusão e criar contradições entre o exército e as massas.

Outros agentes têm como missão lançar palavras de ordem tribalistas, regionalistas e racistas, criar contradições entre as populações de regiões diferentes, confundir a definição do inimigo e minar a unidade nacional. Basta lembrar que, definindo a estratégia colonial portuguesa, Kaulza de Arriaga, numa Conferência no Instituto de Altos Estudos Estratégicos, louvava o tribalismo como um "factor altamente positivo" a explorar.

Outros agentes são enviados para a nossa zona carregados de dinheiro e objectos vários, a fim de corromper os nossos quadros e a população, propagandear as pretensas facilidades da vida do lado do inimigo e implantar entre nós os hábitos de vida do colonialismo.

Outros ainda trazem a missão de fomentar a indisciplina através de manifestações que à primeira vista parecem irrisórias mas cujo objectivo real é criar um clima de perturbação na nossa vida e desviar a nossa atenção do combate contra o inimigo principal, devido a estas pequenas e numerosas violações de disciplina.

Como devemos responder a esta ofensiva de subversão?

É evidente que o trabalho destes agentes físicos do inimigo só pode ter sucesso se eles encontrarem campo no nosso seio, isto é, se encontrarem um clima que favoreça a germinação das suas ideias, se o inimigo conseguir criar entre nós falsas solidariedades de língua, tribo, região, cor ou de religião.

A desagregação que o inimigo deseja só pode ter lugar se houver um relaxamento na nossa vida e no nosso comportamento que permita o adornecimento da nossa vigilância em relação a estas acções claras do inimigo.

Devemos continuar a combater incansavelmente a concepção errada de que basta realizar correctamente as operações para derrotar o inimigo: se as nossas forças, o nosso povo e as nossas zonas não forem impermeáveis à acção das ideias do inimigo seremos frustrados do fruto das vitórias conseguidas à custa de tantos sacrifícios.

Nós temos o dever de tirar constantemente lições das vitórias e dos fracassos do movimento revolucionário mundial e da nossa própria experiência, e prepararmo-nos para lutar em cada momento

contra os novos métodos do inimigo. Em última análise, é na vigilância das massas que reside a melhor garantia de defesa contra a infiltração do inimigo. Por isso, devemos dar uma prioridade particular ao trabalho político no seio das massas para que elas elevem continuamente a sua consciência política e o seu grau de organização.

Toda a nossa Organização deve estar empenhada nesta tarefa: todos os quadros e militantes devem ser comissários políticos junto das massas. Ao Destacamento Feminino caberá também trabalhar de forma activa e permanente junto das populações.

Os Comités de Círculo e de Localidade que agrupam e enquadram toda a população devem ser dinâmicos, de forma a desempenharem um papel motor nesta campanha.

O nosso trabalho deve ter como preocupação:

— mostrar os progressos realizados em relação à época colonial, salientar os benefícios conquistados graças à nossa luta: eliminação da presença colonial, abolição do imposto colonial, do trabalho forçado, da palmatória, da cultura forçada do algodão, da exploração em geral. Explicar o significado e benefícios resultantes da criação de uma sociedade nova, democrática, e a organização das suas bases político-administrativas, económicas, educacionais, sociais, sanitárias e outras, para servir os interesses das massas. Mas é necessário ao mesmo tempo combater o espírito de vitória que ganha alguns de entre nós como resultado dos sucessos obtidos, e que conduz à subestimação e desprezo do inimigo;

— acentuar que os sucessos obtidos são um produto da luta armada e que por isso se requer a participação constante e organizada das populações, no seio das estruturas que correspondem a cada fase da luta;

— demonstrar constantemente que as vitórias conquistadas em cada região ou Província, tanto no plano da luta armada como no da reconstrução nacional, são possíveis porque a luta se desenvolve à escala nacional de forma unitária; assim como a extensão da luta armada depende da organização e consolidação da rectguarda, também a existência e consolidação das zonas libertadas depende do esforço dos camaradas nas zonas do avanço e nas outras províncias.

— combater a ideia de que o simples facto de se viver nas zonas libertadas é garantia de consciência revolucionária: na realidade a demarcação entre nós e

inimigo não é simplesmente física: ela faz-se sobretudo ao nível da consciência, e manifesta-se em todos os aspectos da vida e do comportamento. Sustentar a tese de que o facto de se viver nas zonas libertadas sem contacto directo com o inimigo é suficiente para se ser revolucionário demonstra em última análise a recusa do combate entre o velho e o novo, e reduz a nossa contradição com o inimigo a aspectos puramente superficiais.

O que demarca na realidade as duas zonas é o tipo de relações políticas, económicas e sociais que se estabelecem, a natureza do poder e a forma como é exercido, como se organiza a produção e quem dela beneficia, a natureza do trabalho educacional, sanitário e a vida social em geral.

É de ter em conta que começa hoje a chegar à juventude uma geração que cresceu nas zonas libertadas e que por isso já não conhece a dominação directa do colonialismo nem as suas manifestações mais odiosas da exploração. Estes

jovens que do colonialismo só conhecem os bombardeamentos e as incursões do exército colonial devem ser ajudados a compreender todo o processo da nossa luta e as formas da dominação e exploração que continuam a exercer-se no nosso país, a fim de compreenderem a verdadeira natureza do inimigo e da exploração.

— analisar colectivamente as manobras do inimigo: para isso os agentes capturados devem ser expostos perante os quadros, militantes e o povo a fim de aguçar a nossa vigilância, encontrarmos em comum os meios de pôr termo à sua acção, sintetizando as experiências adquiridas e elevando assim a nossa consciência.

Com o objectivo de melhorar as condições de vida das massas e permitir-lhes defenderem-se melhor dos bombardeamentos e operações terroristas do inimigo que visam a eliminação física e a destruição dos meios de vida (cultura, habitações, etc. . .) devemos:

— multiplicar as cooperativas de produção que permitam uma melhor defesa e mais produtiva utilização dos meios humanos e materiais disponíveis;

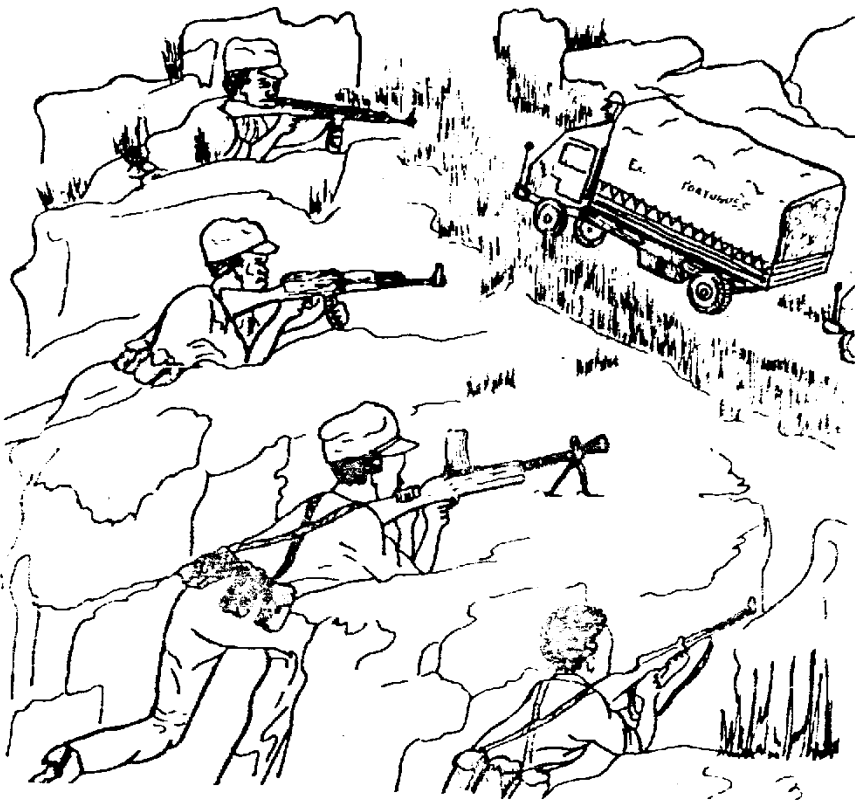
— diversificar a produção a fim de melhorar a dieta alimentar, e organizar a plantação sistemática de árvores de fruta;

— promover a auto-suficiência através de um aproveitamento cada vez melhor dos nossos recursos, tanto para comércio interno como para exportação;

— continuar a criar novos postos de comércio nas zonas libertadas a fim de tornar mais fáceis as trocas de produtos agrícolas com produtos manufacturados;

— reforçar o sistema de auto-defesa das massas, combinando métodos tradicionais e modernos, para que cada acção terrorista contra as populações e a produção seja severamente punida.

Vivamos com as massas, organizemo-las e aprendamos delas, pois o povo é a fonte da nossa força e das nossas vitórias."



O relaxamento moral, os compromissos e liberalismo destróem a demarcação entre nós e o inimigo.

Quando a demarcação é destruída os agentes físicos do inimigo podem pulular sem serem reconhecidos, pois nada distingue a sua vida da nossa, as suas acções das nossas.

SER IDEÓLOGO

*carta em forma de poema
para um camarada*

Ser ideólogo camarada,
é morrer semente na terra
para que cresça a maçaroca,
é a mão fundida no barro
donde nasce a moringa e a panela.

Ser ideólogo camarada,
é a morte da filosofia na prática,
é o poder nas nossas mãos
criando a fábrica,
a cooperativa,
o poema,
o amor do homem novo.

Ser ideólogo camarada
é assumir no pensamento
a realidade vivida,
como a flor
se enraiza na terra,
assim as cores da ideia
crescem no matope.

Ser ideólogo camarada,
é das tradições de luta
é dos combates do Povo
fazer surgir a linha,
ser esmagado
pelo martelo da derrota
e depois dizer a palavra
que nos explica e faz avançar,
e como a fogueira na montanha
conduzir-nos ao objectivo.

Ser ideólogo camarada,
é explicar-nos o amor novo
quando o luta te deixa só,
fazer-nos acreditar em nós
quando ainda cremos em deuses,
ensinar-nos o amanhã
quando os pés ainda se arrastam em ontem.

Ser ideólogo camarada
tu o sabes
nas tuas feridas,
(é arrancar continuamente a crosta
e sangrar,)
é guardar o sentido da classe,
fazendo das cicatrizes
a cadeia que nos une.

Ser ideólogo camarada
é dar-nos a chave
que liberta a iniciativa da inteligência
das jaulas do passado.

Ser ideólogo camarada
é fazer a revolução.

